



SOCIEDADE

Caixa entra no combate à agressão às mulheres

Instituição lança o programa Juntos por Elas, que tornará agências e unidades culturais em pontos de orientação e acolhimento

» DANANDRA ROCHA

A Caixa Econômica Federal lançou, ontem, o programa Juntos Por Elas — Pelo Fim da Violência Contra as Mulheres. A proposta é atuar em espaços de grande circulação, como agências bancárias e unidades culturais da Caixa, transformando-as em pontos de orientação e acolhimento. Entre as medidas previstas, estão a ampliação do acesso à informação, campanhas de conscientização e encaminhamento de vítimas para serviços especializados, como atendimento psicossocial e assistência jurídica.

Numa primeira etapa, o programa será implantado por todas as unidades da Caixa Cultural e, inicialmente, nas agências de Sobradinho (DF), Curitiba (MT) e Sinop (MT). As unidades contarão com funcionários e prestadores de serviços voluntários, que acolherão e esclarecerão mulheres em situação de violência. Também está previsto o funcionamento de canais internos de apoio, voltados para funcionárias da instituição ou qualquer empregado que precise de orientação.

O presidente da Caixa, Carlos Vieira, formalizou acordos de cooperação técnica com os ministérios dos Direitos Huma-

nos e da Cidadania, da Igualdade Racial e das Mulheres, além de um protocolo de intenções com o Instituto Antes que Aconteça. Ele chamou atenção para a mudança de comportamento dentro das instituições.

“É muito fácil pra gente fazer um evento desse. É muito fácil o presidente da instituição chegar, promover com todos os recursos, toda a abrangência, toda a capacidade, todo o tamanho, tudo que representa a Caixa, um evento desse. Mas sabe o que que é difícil? É convencer o colega que está agora dentro de uma agência da Caixa praticando atos que não sejam louváveis”, afirmou.

Para Vieira, o enfrentamento da violência de gênero passa por uma mudança de postura. “Essa coragem que a gente precisa ter é a coragem de todos nós sairmos aqui e refletirmos sobre o que está acontecendo”, disse.

“Ninguém é mais o mesmo depois de passar por uma situação de violência. Mas temos o dever de transformar essa realidade”, frisou a ministra da Igualdade Racial, Rachel Barros, acrescentando que o combate à brutalidade de gênero exige mais do que indignação — requer ação concreta e compromisso coletivo.

A ministra observou que

Reprodução/Instagram/Antes que Aconteça



Nadja Oliveira e Carlos Vieira assinam o acordo de cooperação técnica, que inclui três ministérios

o momento vivido pelo país impõe uma escolha clara entre a inércia e a transformação. “O que nós fazemos com essa realidade tão cruel? Vamos continuar apenas assistindo ou vamos agir para modificá-la?”, questionou.

Rachel também enfatizou o papel do governo federal no enfrentamento da violência contra as mulheres, citando o Pacto Nacional contra o Feminicídio. “Combater o feminicídio exige garantir segurança, justiça, saú-

de, assistência, renda e emprego. Não é algo simples. É uma reconstrução de vidas”, afirmou.

A coordenadora técnica do programa Antes que Aconteça, Nadja Oliveira, destacou que a violência doméstica é um

fenômeno histórico, enraizado em uma cultura marcada pelo “machismo e pelo patriarcado”. “Os países que conseguiram reduzir esses índices investiram em educação, capacitação e autonomia financeira das mulheres”, advertiu.

Dados apresentados por Nadja mostram que, no Brasil, uma mulher é vítima de feminicídio a cada quatro horas, considerando apenas os casos oficialmente registrados. Diariamente, cerca de 900 mulheres buscam atendimento em unidades de saúde devido a agressões físicas decorrentes de violência doméstica. Há ainda um número significativo de vítimas afastadas do mercado de trabalho por problemas de saúde mental associados às agressões.

Para Nadja, a independência econômica é um dos fatores decisivos para romper o ciclo da violência. “Não há como quebrar esse ciclo sem garantir condições de trabalho seguras e renda. Muitas mulheres permanecem em relações abusivas por falta de alternativas”, observou. Ela lembrou que aproximadamente 40 milhões de lares brasileiros são sustentados por mulheres, muitas delas chefes de família solo.

VIOÊNCIA

Acre: estudante invade escola e mata inspetoras

» FERNANDA STRICKLAND

Um ataque a tiros no Instituto São José, em Rio Branco, capital do Acre, deixou duas pessoas mortas e pelo menos cinco feridas. O autor dos disparos seria um adolescente de 13 anos, aluno da própria instituição, que se entregou à polícia depois do atentado.

As mortas são Alzenira Pereira da Silva, de 53 anos, e Raquel Sales Feitosa, de 37, inspetoras da escola. Entre os feridos, estão uma funcionária e um aluno, que foram encaminhados ao pronto-socorro. O estado de saúde dos demais não foi detalhado.

Raquel era estudante de enfermagem e a facultade em que ela

estudava suspendeu as atividades. Já Alzenira, conhecida como Tia Zena, foi homenageada por internautas. “Tia Zena, impossível alunos e ex-alunos não sentirem essa perda. Sempre serviu com muito amor”, lamentou uma aluna, numa postagem nas redes sociais. O Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Acre (Sintecac) lamentou a morte das servidoras.

Vídeos foram compartilhados nas redes sociais mostram os alunos correndo e o desespero durante o ataque. O adolescente teria relatado sofrer bullying e que cometeu o atentado por vingança.

De acordo com o coronel Felipe Russo, chefe do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia

Reprodução/Redes sociais



Raquel (E) e Alzenira, as duas inspetoras mortas pelo estudante

Militar do Acre, a arma utilizada no crime pertencia ao padrasto do menor, que também foi detido. O estudante não chegou a ter acesso às salas de aula durante o ataque.

Em coletiva, a comandante-geral do Corpo de Bombeiros, coronel

Marta Renata, afirmou que a primeira equipe policial a chegar ao local foi uma viatura de policiamento comunitário que já estava nas proximidades. “Quando chegaram, o evento já havia ocorrido. A ação consistiu em conter a

situação, isolar a área, evacuar os alunos e prestar socorro às vítimas”, explicou.

Segundo a comandante, o adolescente não estava mais na escola no momento da chegada dos policiais. “Ele se dirigiu ao Hotel do Comandante-Geral e se apresentou voluntariamente. Não é possível determinar se estava sozinho ou acompanhado”, acrescentou.

A investigação foi instaurada pela Polícia Civil, que apura a motivação do crime e eventual participação de outras pessoas. O secretário de Justiça e Segurança Pública do Acre, José Américo Gaia, afirmou que todas as informações estão sendo consideradas, inclusive conteúdos de redes sociais. “A Polícia Civil requisitará todas as imagens disponíveis para esclarecer os fatos”, disse.

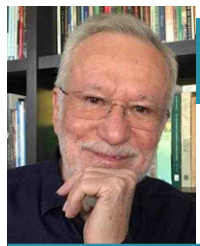
O menor permanece apreendido e deve ser apresentado ao Ministério Público do estado (MP-AC) em audiência,

possivelmente ainda hoje, devido à gravidade do caso. Ele responderá por atos infracionais análogos a tentativa de homicídio.

Como medida emergencial, o governo estadual suspendeu as aulas em toda a rede pública por três dias. No período, será implementado um plano de reforço na segurança escolar, com atuação da PM e da Polícia Civil de forma itinerante nas unidades de ensino.

“Aumentaremos a presença policial, com ações preventivas e apoio às equipes escolares”, afirmou José Américo, destacando que novas medidas devem ser anunciadas nos próximos dias. Em nota, o governo informou que acompanha as vítimas e reforçou que todas as providências estão sendo adotadas.

Em nota, a Prefeitura de Rio Branco classificou o episódio como um “trágico atentado” e lamentou a “perda irreparável de duas funcionárias”.



ALEXANDRE GARCIA

O BRASILEIRO QUE SE ADAPTA À EXCEÇÃO, QUE NÃO PERCEBE QUE EM DEMOCRACIA PRECISA FISCALIZAR, CRITICAR, COBRAR E VOTAR BEM, TAMBÉM ESTÁ EM CRISE DE CIDADANIA

Novos Cabrais

O decano do Supremo Tribunal Federal, ministro Gilmar Mendes, esta semana declarou que a crise é geral, não apenas do Supremo. É verdade. Mas, ao estar no Supremo, derrama-se pelo Judiciário, até chegar às pequenas causas. E quando alguém escreve “ladrao” numa faixa e a Polícia Federal deduz que se refere ao presidente da República — ou um deputado pronuncia “ladrao” e um general entende que se refere ao seu comandante supremo —, então a crise também está

no Poder Executivo e na área militar. Quando o tesoureiro de campanha do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), é investigado por dinheiro da previdência do Amapá posto no Master, ou o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), vai com o jatinho do “tigrinho” para paraíso fiscal e de jogatina no Caribe, então a crise também está no Legislativo.

Crise nos Três Poderes e no dito quarto poder, o jornalismo. Certamente a dosimetria vai discutir os

absurdos de penas de gente condenada por atacado, sem individualização dos crimes, sem juiz natural, com prisão por perfídia. Vão aparecer sinais gritantes de injustiça, como o caso do senhor Hahn, condenado a 14 anos por doar R\$ 500 para fretar ônibus a Brasília, tal como a Débora do batom, por associação criminosa armada para derrubar o Estado de Direito — como se batom fosse arma — e dano qualificado e deterioração de patrimônio tombado, sem que tivesse prejudicado uma única molécula do granito da deusa da Justiça. Então, nós, do “quarto poder”, vamos perceber que em boa parte ficamos em

silêncio diante do arbítrio, da injustiça, do exagero, do inconstitucional, do juízo de exceção proibido pelo inciso XXXVII do pétreo artigo 5º da Constituição — e vamos perceber que também estamos em profunda crise nos valores jornalísticos.

Esses quatro poderes não estão sós da crise. O brasileiro que se adapta à exceção, que não percebe que em democracia precisa fiscalizar, criticar, cobrar e votar bem, também está em crise de cidadania — e essa gera todas as demais, porque permite, na sua alienação, que usem seus poderes e o fruto de seu trabalho para se comportar indecorosamente, desrespeitar as leis,

agir como se não existissem “213 milhões de pequenos tiranos” a aspirar respeito aos impostos que são obrigados a pagar, aos votos que são obrigados a registrar nas urnas — agora infantilizadas por esse boneco porta-voz “Pillili”, como se votar fosse brincadeira. Se está errado assim, e por isso estamos atrasados, carentes de segurança física e jurídica, já não seria hora de dar um reset neste país?

O leitor pode julgar utópica essa sugestão. Temos superabundância de riqueza natural, o que torna até pecaminoso o nosso imobilismo. Mas, com a cultura do deixa estar, só numa epifania nacional. Uma

redescoberta de nós mesmos, de nossos lares, de nossas escolas, de nossas instituições. Da meritocracia, do livre-mercado, das liberdades, da iniciativa privada, do direito de propriedade, do respeito à lei e à ética.

Gilmar Mendes identifica a crise geral. Teria ele ideia de por onde começar a trocar crise por paz, bem-estar, estabilidade, fartura? Penso que se precisa começar pela menor das minorias: o indivíduo. Cada um se perguntando o que poderia fazer para melhorar a própria vida. O coletivo disso poderia ser o reinício. Uma nova descoberta. Novos Cabrais avisando a nova e rica terra.